

FUNDAMENTOS SOBRE O SER HUMANO E A ESPIRITUALIDADE NATURAL NA EDUCAÇÃO

FUNDAMENTALS ON THE HUMAN BEING AND NATURAL SPIRITUALITY IN EDUCATION

Maria Glória Dittrich **1**
Carolina Godinho Pahl **2**
Vanderléa Ana Meller **3**

Resumo: O estudo envolve a concepção de ser humano em suas dimensões bio-psico-espiritual e sua espiritualidade natural. A espiritualidade natural é considerada como uma manifestação autêntica do ser humano, da força vital e criativa expressa nas relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, como unidade integrante da natureza. O objetivo geral busca desenvolver fundamentos sobre a espiritualidade natural na educação dentro de uma visão de ser humano multidimensional. A pesquisa é teórica, de abordagem qualitativa e perspectiva fenomenológica, com base prioritariamente na visão de Viktor Frankl; Morin, Tillich, Zubiri e Kovacs. O método da hermenêutica fenomenológica embasa a compreensão dos dados. Os resultados indicam que a espiritualidade natural está relacionada com a visão de ser humano complexa, na dimensão da profundidade espiritual como centro da estruturação e organização da dinâmica de ser no mundo; apontam a educação no processo de mobilização dos fenômenos intrínsecos à existência humana, prioritariamente a vontade de busca por sentido de vida. É possível dizer que, contemplar a espiritualidade natural na educação é fundamental para a organização de saberes que transcendem aos conhecimentos específicos da área e contribuem com a força vital dos sujeitos no encontro do sentido de vida e do conhecimento.

Palavras-chave: Espiritualidade natural. Ser humano. Educação.

Abstract: The study involves the conception of human beings in their bio-psycho-spiritual dimensions and their natural spirituality. Natural spirituality is considered as an authentic manifestation of the human being, of the vital and creative force expressed in the relationships with oneself, with the other and with the environment, as an integral unit of nature. The general objective seeks to develop fundamentals about natural spirituality in education within a multidimensional view of human beings. The research is theoretical, with a qualitative approach and a phenomenological perspective, based primarily on the vision of Viktor Frankl; Morin, Tillich, Zubiri and Kovacs. The phenomenological hermeneutics method supports the understanding of the data. The results indicate that natural spirituality is related to the complex human being's view, in the dimension of spiritual depth as the center of the structuring and organization of the dynamics of being in the world; point to education in the process of mobilizing phenomena intrinsic to human existence, primarily the will to search for meaning of life. It is possible to say that contemplating natural spirituality in education is fundamental for the organization of knowledge that transcends the specific knowledge of the area and contributes to the vital strength of the subjects in the encounter of the meaning of life and knowledge.

Keywords: Natural spirituality. Human being. Education.

Doutora em Teologia, Mestre em Educação e Filósofa. Universidade do Vale do Itajaí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6918960379569138> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2107-9005> E-mail: gloria.dittrich@univali.br **1**

Graduanda em Enfermagem. Universidade do Vale do Itajaí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1245174779510096> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4877-1168>. E-mail: carolinagodinhopahl@gmail.com **2**

Doutora em Educação, Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4309897941195430> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5342-2659> E-mail: vanderlea@univali.br **3**

Introdução

O ser humano está em constante busca do sentido existencial, da razão de ser, estar e viver em consonância com os contatos e entendimentos que estabelece. O fenômeno da espiritualidade natural tem influência direta nesta conquista, pois tem relação com a maneira de sentir, pensar, fazer e conviver perante as experiências cotidianas. A educação é um campo fértil para o fortalecimento da espiritualidade natural, pois envolve saberes e práticas reflexivas em diferentes contextos que podem ser direcionadas à elevação das dimensões bio-psico-espiritual do ser humano, em prol de sua transcendência e diálogos nas relações intrapessoais e extrapessoais.

As propostas educativas na perspectiva da espiritualidade natural, que podem ocorrer nas instituições formais e não-formais de educação, envolvem o ser humano multidimensionalmente e favorecem o pensamento complexo e dinâmico, possibilitando qualificar sua forma de viver e conviver no mundo. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), nº 9394/96, entre os princípios definidos para o ensino no Art. 3º, é possível identificar o propósito de formação humana integrada às diversas habilidades que são fundamentais para a convivência e desempenho em diferentes tarefas e no processo criativo, entre eles podemos destacar a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; e o respeito à liberdade e apreço à tolerância. Para Morin (2005) a criatividade pode ser aplicada aos objetos técnicos e artísticos e as liberdades podem ser institucionalizadas e passar a constituir à auto-organização das sociedades humanas. Estes são traços de humanidade e de espiritualidade que podem ser originados pelos caracteres principais da auto-organização biológica.

A partir da visão ampliada da formação humana e suas relações, o sentido da vida está amparado na busca de propósitos vitais e na conquista de uma consciência ampliada de e para o mundo, assumindo o dever de proteção de si mesmo, do outro e da natureza. Buscamos compreender, de maneira mais aprofundada, a dimensão espiritual natural que está relacionada diretamente com os processos educativos que mobilizam o ser humano integrado e em seu potencial auto-hetero-eco-formativo, em uma dinâmica inter-transdisciplinar.

Para Morin (2011) o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico, sendo que é preciso restaurar sua natureza complexa que foi dividida nos modelos disciplinares implantados na educação a fim de que todos tomem conhecimento e consciência da identidade complexa e comum a todos os humanos. Entendemos que tais dimensões, mesmo sendo diferentes entre si, estão articuladas desde a estrutura e organização de todos os sistemas que constituem o corpo-criante (DITTRICH, 2010) do ser humano, nos seus processos de vida e de conhecimento constituídos nas relações cotidianas. Neste contexto, é preciso considerar que está presente e conectada a manifestação dimensional de sentido de ser – a espiritualidade natural, com seus processos vitais e de conhecimento que são profundos e não se separam, pois geram na consciência humana significantes e significados sobre as vivências existenciais.

Para Viktor Frankl (2003), a dimensão espiritual é uma dimensão profunda da pessoa humana, mas não é somente isso, ela é responsável por definir e distinguir o ser humano dos demais seres vivos. Ou seja, a espiritualidade é a característica mais específica do ser humano, tendo em vista que é nela que se encontra a força criativa para as descobertas das razões de ser no mundo, sendo responsável por constituir-se como o eixo central articulador das demais dimensões humanas - a biológica, a psicológica, a social, a cultural e ambiental.

Nesta perspectiva, as propostas educativas, desenvolvidas nas diferentes instituições, podem favorecer a integração humana e os saberes em uma perspectiva que considera a complexidade dos conhecimentos. A espiritualidade natural envolve uma diversidade de forças no processo de vivências e busca do bem viver. Esta é uma dimensão de força vital que amplia a visão de mundo e fortalece para o desejo de viver, para a convivência harmônica e com energia construtiva em diferentes ações cotidianas, de convivência, que são muito necessárias nos ambientes educativos.

Etimologicamente, espiritualidade é a qualidade e manifestação do Espírito, que do Hebraico quer dizer *Ruach* – sopro de vida, energia em movimento criante para o ser e o fazer hu-

mano, é a gênese de Deus atualizando-se permanentemente. Segundo Dittrich (2010) na visão da filosofia vitalista - espiritualista de Bérqson, o sopro da vida é o *elán vital* que se expressa como um fenômeno espiritual que indica a direção da criatividade da vida se expandindo no ser e no fazer humano.

A espiritualidade é a expressão legítima do humano na busca de suprir sua necessidade de vivências, na transcendência do seu ser no mundo, em diversas finalidades. Com efeito, isto transcende o código de dogmas religiosos institucionalizados. As vivências espirituais são profundas e complexas e, muitas vezes, tornam-se inexplicáveis diante da racionalidade objetiva da ciência, mas elas existem no humano e pedem explicações.

Observando a etimologia da palavra espiritualidade destacamos que ela é uma busca humana em direção a um sentido. É através dela que o ser humano desperta uma necessidade de descobrir o sentido de sua vida, de reconhecer o seu ser no mundo, expondo sua necessidade de escolha, buscando real sentido as suas ações (KOVÁCS, 2007).

Neste estudo, constituímos um conceito específico de espiritualidade natural, como fenômeno transcendental que se manifesta nas relações do ser humano no mundo, com outrem e consigo mesmo, gerando impactos no seu desenvolvimento, inclusive no processo de aprender e nos resultados em torno da organização do conhecimento e sua utilização. Logo, para entender sobre o fenômeno da espiritualidade é fundamental que seja fundamentado em bases filosóficas e psicológicas; portanto, dentro da perspectiva fenomenológica entendemos ser um caminho possível desde a mobilização perceptiva e compreensiva do ser humano e de suas relações existenciais.

Ressaltamos que a espiritualidade percorrida ao longo da proposta, não possui relação com uma determinada religião. A visão aqui é de ordem psicológica e filosófica, pois afirmamos que para Frankl (2008) o ser humano é multidimensional e sua espiritualidade nasce na dimensão de sua pessoa profunda espiritual. O uso contemporâneo do termo espiritualidade, sendo separado e distinto de uma religião institucionalizada específica, começou a ser utilizado na década de 90 e foi construído por meio de conhecimentos sobre o humano e eventos histórico-culturais (TEIXEIRA; MULLER; SILVA, 2004).

Buscamos focar em uma perspectiva de ser humano mais sublime e elevada para sua vida, visando o potencial espiritual humano cultivado pelas pessoas, independentemente de pertencerem ou não a uma religião institucionalizada. De acordo com Teixeira, Muller, Silva (2004, p.162), "espiritualidade e religiosidade são estados emocionais ou condições psicológicas e que independem da religião e da filosofia". Ainda assim, não se descarta a relevância da religião para alguns seres humanos que necessitam da mesma para estimular suas espiritualidades.

A espiritualidade envolve questões em torno do significado da vida, da razão para viver, da busca de sentido e do ser no mundo, são fatores que afetam diretamente a dimensão espiritual do ser humano. É pertinente que a espiritualidade seja estudada e compreendida, especialmente quando envolve sua inclusão nas propostas educativas de instituições escolares.

O objetivo geral deste estudo busca desenvolver fundamentos sobre a espiritualidade natural na educação dentro de uma visão de ser humano multidimensional.

Metodologia

Neste estudo desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e na perspectiva fenomenológica, com base prioritariamente na visão de Frankl e demais autores, entre eles Morin, Tillich, Zubiri e Kovacs. No desenvolvimento foram utilizadas fontes primárias e secundárias para seu embasamento teórico, publicadas em meio digital e impresso, com a realização leituras e registros sobre a temática e entrelaçamento com o objetivo da pesquisa, em busca da compreensão dos dados.

Na investigação teórico-conceitual foram utilizadas bases teóricas já existentes, buscando a síntese descritiva ocorrida na identificação, interpretação e conexão dos dados convergentes ao objetivo do estudo. Os dados coletados foram categorizados a partir das unidades de significados, a fim de organizar a compreensão no foco da pesquisa.

Na compreensão dos dados ocorreu embasamento no método da hermenêutica fenomenológica, em um processo descritivo, baseado na teoria da complexidade de Edgar Morin. A compreensão dos fenômenos foi desenvolvida a partir das concepções das pesquisadoras, como o centro perceptivo do fenômeno.

O ser humano e a espiritualidade na educação

O conceito de ser humano é compreendido como um ser multidimensional, ou seja, um ser que é constituído por múltiplas dimensões e que existencialmente vive sua maneira de ser como expressão de sua espiritualidade natural. O entendimento do ser e viver humano e o emprego de sentido à vida ocorre de acordo com o grau de envolvimento da dimensão bio-psico-espiritual e a complexidade de sua organização.

O ser humano é um ser que tem uma ambiguidade, ele é multidimensional e uno ao mesmo tempo. Uno porque em si tem uma centralidade de profundidade vital que é espiritual, a qual tem a função de autointegrar todos os elementos que compõem os sistemas orgânicos e psíquicos do corpo. Considerando as características e habilidades humanas, a educação necessita favorecer a abertura das relações entre as dimensões com cuidado e amorosidade na busca do equilíbrio entre a unidade e multidimensionalidade.

Para Morin (2012), necessitamos da educação para uma nova civilização, mais universal, para isto torna-se fundamental lembrar da vida interior, da vida espiritual, da vida em comunidade, pois estão muito ausentes na cultura ocidental e mais presentes nas tradições de outras civilizações. Neste contexto, destaca que a maior parte do mundo se encontra ocidentalizada na visão da organização do conhecimento, ou seja, com visão acentuada nas relações de poder e dominação material e demasiadamente focada nas especialidades, com dificuldade de uma visão mais abrangente de ser humano e dos saberes. Torna-se fundamental “[...] pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, [...] a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos [...]” (MORIN, 2005, p. 176).

A proposta cartesiana no ensino dificulta a integração dos conhecimentos e a visão ampliada de ser humano e seus processos vitais. Perante estas problemáticas, Morin (2005) destaca que o pensamento simplificante separa as diferentes dimensões humanas, ou unificas-as, porém por uma redução mutilante. Morin (2012) exemplifica o reducionismo na educação, na formação médica, com profissionais especialistas em uma determinada parte do corpo humano, porém com dificuldade de compreender melhor as possibilidades mais amplas do processo de atenção ao ser humano e tratamento. Também destaca os tratamentos que estão muito vinculados a indústria farmacêutica, desconsiderando o tratamento fitoterápico. Sugere a promoção de uma simbiose entre áreas de conhecimento, das virtudes das várias medicinas, e relaciona com os povos indígenas, os quais possuem conhecimentos importantes sobre os vegetais, portanto a ideia é fazer uma simbiose do melhor das civilizações.

É por meio da educação, que não reduz as interações e interconexões humanas e dos conhecimentos envolvidos, que poderemos conquistar uma formação com perspectiva mais integrada e conectada ao real sentido de vida. Nas relações estabelecidas nas vivências do cotidiano vivemos uma espiritualidade natural que possibilita a estruturação do nosso olhar sobre si, sobre o outro, sobre a natureza e os símbolos que suscitam o sagrado. Esta espiritualidade permite ao ser humano sentir respeito e responsabilidade pela vida, como algo sagrado.

Vida é um tema abrangente e complexo que necessita ser incluída nas propostas de ensino, na ótica da transversalidade. A partir das experiências, no desenvolvimento da autoorganização dos processos vitais e cognitivos, são compreendidos os fenômenos que impactam de certa maneira a vida, a “nova civilização’ aberta ao belo, ao bom, ao justo e verdadeiro. São possibilidades de promoção de habilidades criativas e da busca de sentido de vida, do conhecimento em torno das perguntas e respostas fundamentais para a evolução, que remetem impactos na própria existência.

Afirma Dittrich (2010) que a vida como revelação num corpo-criante pode se dar na função de autointegração sob o princípio da centralidade, como função de autocriação sob o

princípio de crescimento e como função de autotranscendência sob o princípio da sublimidade. Reforçando o argumento acima diz Tillich (1987, p. 411),

A autointegração e desintegração são mais manifestas sob a dimensão do orgânico. Todo ser vivo é nitidamente centrado (em qualquer ponto dos processos naturais em que começemos a falar de seres vivos); ele reage como um todo. Sua vida é um processo de sair de si e retornar a si enquanto vive. Ela assume elementos da realidade encontrada e os assimila em sua própria totalidade centrada, ou os rejeita se for impossível à assimilação. Ele se estica no espaço na medida em que sua estrutura individual o permite, e se retira quando ultrapassou os limites ou quando outros indivíduos vivos forçam essa retirada.

A função de autointegrar aponta que o ser humano na sua estrutura e organização é complexo. Ou seja, ele tem dimensões primárias que se autointegram pela dinâmica criativa da energia vital que perpassa a dimensão biofísica, psíquica e espiritual. A integração dessas dimensões permite que a vida, como energia vital criativa, se movimente em si e fora de si. A autointegração é constitutiva da vida, é um movimento que se autodinamiza e faz a vida acontecer como processos permanentes de criatividade e de autotranscendência, que é a busca sublime de autossuperação do ser humano nos seus limites e possibilidades.

Reforçando o argumento anterior, para Frankl (2008), o ser humano é multidimensional e tem uma profundidade espiritual que articula a dimensão biofísica e psíquica. A dimensão espiritual é a dimensão profunda da pessoa. Ela se manifesta na consciência do ser humano por meio do despertar de um desejo profundo de descobrir a razão de ser no mundo, existencialmente falando. Perante esta ação, correlacionamos com a educação na busca incessante de que o ser humano pode se desenvolver para saber os porquês e os para quês de sua vida. Tal processo educativo implica conhecimentos intrínsecos em uma vontade de sentido de vida, que surge de suas profundezas e ele mesmo nem sabe dizer de que lugar certo, mas que podem despertar na sua consciência em algum momento.

Nas propostas educativas, das diversas instituições, as dinâmicas seriam valiosas se possibilitassem a vivência que oportunizasse o despertar de sentimentos espirituais. Com efeito, muitas vezes, tais sentimentos são mais profundos do que a lógica racional pode elucidar imediatamente algum problema. Sentimentos espirituais são sublimes, pois tomam a pessoa e a tocam sensível e intelectivamente. São representações de uma vontade de saber algo mais profundo sobre si mesmo e suas escolhas no viver. Cada ser humano tem uma forma, uma maneira de se revelar na sua vontade de sentido de vida, esta maneira de busca de sentido, de significado sobre o viver é espiritualidade. É um movimento natural da qualidade de ser, profunda, que se manifesta diante das vivências no mundo, e isso é espiritualidade natural.

Entre os objetivos propostos para a educação básica pela LDBN nº 9394/96, nos diferentes níveis de ensino, é possível evidenciar a solicitação da construção de trabalhos pedagógicos que favoreçam aos educandos a construção de projetos de vida e formação ampliada que envolvem os aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais, possibilitando o desenvolvimento do espírito científico e reflexivo.

Para a conquista de tais objetivos, as práticas educativas precisam considerar as competências humanas que são primordiais para avanços nas aprendizagens, entre elas estão as intelectuais, emocionais, sociais e comunicativas. As competências gerais, propostas para a Educação Básica pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estão definidas como a mobilização de “[...] conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 7). Tais competências necessitam ser desenvolvidas de modo integrado e levando em consideração a complexidade do pensar, agir e ser, favorecendo a autonomia, a liberdade expressiva e criativa, com diálogos

fundados no respeito às diferenças e na amorosidade, que também estão fundadas na dimensão espiritual. São ações educativas que ocorrem na interação entre discentes, docentes, familiares e demais integrantes da comunidade.

Para Frankl (1985) todo ser humano visa a liberdade e responsabilidade para encontrar no amor, na dor ou na criatividade um sentido para viver, pois

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido (FRANKL, 1985, p. 45).

A busca pelo sentido da vida é realizada de maneira subjetiva e é própria de cada ser humano, por isto não há como buscar um sentido genérico. No movimento da espiritualidade natural do ser humano, em relação a essa busca constante de sentido, Frankl (1973, p.248) defende que: “[...] a questão não é dar sentido, e sim encontrá-lo, e não pode ser inventado, deve ser descoberto. Não há situações sem saída, sempre há uma que será a escolhida; não dar respostas já é uma resposta”.

Esse sentido de vida se dá, também, quando o ser humano percebe a sua finitude. Nos processos educacionais, vivências diversas levam sinais, sensações e pensamentos da certeza que o ser humano possui sobre o seu processo de finitude - o morrer. Muitas pessoas pensam de maneira errônea que a morte é o que provoca a falta de sentido, mas é justamente o fato de ter certeza que o ser humano é finito, que permite que ele perceba o sentido de sua existência (KOVÁCS, 2007). Neste propósito, Breitbart (2003, p. 248) também apresenta sua visão sobre o sentido da vida, no mesmo viés que Frankl, e destaca,

O sentido da vida é uma orientação para a existência, uma busca espiritual na compreensão das causas para os fenômenos vividos, considerando um lócus interior, ou seja, não jogando a culpa sempre nos outros. Faz parte deste processo espiritual uma constante reavaliação das experiências vividas e dos atos cometidos. É transformar a imagem de um graveto que é levado pela correnteza, para um graveto que se conduz na correnteza.

A dimensão espiritual não é tangível, entretanto, segundo Dittrich, Bernardo e Barreta (2012), essa dimensão pode se manifestar na forma como o ser humano pensa, sente e age diante de situações da vida, sendo essencial em momentos em que há sofrimento, dor, amor e criatividade. Com efeito, esse movimento é a vivência da espiritualidade natural que nasce da dimensão profunda espiritual, a qual articula as demais dimensões - biofísica e psíquica.

Para Dittrich; Ulrich (2018) a espiritualidade natural é a expressão legítima da maneira de ser e de viver do ser humano, como um fenômeno humano que caracteriza sua forma de ser e habitar no mundo e isto tem relação intrínseca com suas verdades, valores e da vontade de encontrar um sentido para a existência. Entendemos o quanto é fundamental na educação abordar este foco, pois aproximar o mundo da vida com conhecimentos e autorreflexão é uma possibilidade de transcendência e superação da mera racionalidade técnica, em que os sujeitos somente reproduzem o que aprenderam.

A espiritualidade natural é força vital que projeta o ser humano para um encontro íntimo de suas emoções-intuições-razões, as quais são exteriorizadas e interligas em um processo dialógico com sua própria natureza e com o outro, na cultura e com o ambiente natural. Para Frankl (2017a, p. 21), “qualquer visão que negue a existência da dimensão espiritual e sua importância para a vida, está contemplando o ser de forma fragmentada”. Destaca ainda, a existência do ser humano é estruturada na dimensão ontopsicoantropológica da sua pessoa pro-

funda espiritual – dimensão espiritual central do ser. Em virtude disso, a dimensão espiritual é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva, já que inclui as dimensões inferiores, sem negá-las, garantindo, dessa forma, a totalidade do ser humano (FRANKL, 1989).

Nessa perspectiva, de acordo com Dittrich (2010), a concepção de espiritualidade natural está além da visão de uma espiritualidade religiosa institucionalizada, dentro de conceitos e dogmas fechados em doutrinas institucionalizadas. Levando em consideração que a espiritualidade é da natureza humana, pois está ligada ao cerne da energia vital criativa do ser, ela encerra algo de sagrado, pois está ligada ao amor, à criatividade, à transcendência no desejo de saciar o sentido de vida.

A espiritualidade natural é qualitativamente a expressão do poder da vida manifesto no espírito do ser humano. Pois, “o espírito não pode ser identificado com o substrato inorgânico que é animado por ele; antes, o espírito é o próprio poder de animação e não uma parte agregada ao sistema inorgânico” (TILLICH, 2005, 485). Desde as línguas semíticas e as indo-europeias, a raiz das palavras que designam espírito significa “respiração”. Ou seja, no ser humano o poder da vida se mantém pela sua respiração, a qual é uma função biofísica e psíquica conectada na e pela dimensão espiritual, que é centro da integração e da criatividade para o desejo e a necessidade de liberdade, de responsabilidade, de amor ou de sofrimento, nas escolhas vividas cotidianamente (FRANKL, 1989).

A responsabilidade não se caracteriza como um caráter moralista, pelo qual o ser humano se obriga a agir de acordo com as normas impostas, mas caracteriza-se especialmente pela sua capacidade de responder, dentro de uma forma de ser que expressa o movimento de sua espiritualidade natural, como o poder ser comprometido com o respirar do “espírito da vida”, nas relações diante do outro, da natureza e do transcendente. Ou seja, a gênese da criatividade do Espírito Criador da vida atuando no ser humano em forma de liberdade para poder ser e se posicionar diante das circunstâncias presentes. Esta é uma perspectiva importante no ensino formal atual, pois ainda carrega características dualistas e desconectadas da dimensão espiritual.

Frankl (1989) considera o ser humano como um ser livre, capaz de se autodeterminar em qualquer situação. Essa liberdade pressupõe uma “liberdade para” no intuito de efetivar seu posicionamento no mundo, manifestando, então, a “irrepetibilidade” o “caráter de algo único” constituinte de cada homem de “entregar-se a uma obra a que se dedica, a um homem a quem ama [...]” (FRANKL, 1989, p. 45). Por isso, falar de existência humana, na dimensão espiritual na visão frankliana, é falar sobretudo de uma espiritualidade natural que se expressa no comportamento do ser humano consciente de sua responsabilidade e de sua necessidade de liberdade. Ser responsável e ser consciente se dão simultaneamente na realidade de execução das tarefas.

A liberdade mencionada por Frank possui uma relação direta com a consciência e a autonomia do ser humano, e com a possibilidade de buscar os caminhos da vida e fazer suas escolhas. Essa liberdade é acompanhada pela responsabilidade de escolher como agir e responder a uma determinada situação (KOVÁCS, 2007). Em razão disso, a liberdade como responsabilidade, na espiritualidade natural do ser humano, abre às inúmeras possibilidades de construção de seu próprio mundo de escolhas de ser, fazer e conviver com significados nas relações. Com efeito, na espiritualidade natural ocorre naturalmente um processo de desvelamento de sentimentos e ideias que chamamos de revelação do ser.

Na educação, as escolhas que o ser humano faz na maneira de ser no seu cotidiano revelam conteúdos a serem ditos, a serem descobertos e entendidos. Zubiri (1993) aponta que a espiritualidade natural do ser humano é vivida na sua dinâmica como uma permanente revelação, não como um “mistério” quase indecifrável, mas como algo permanente que o desafia e evoca a desvelá-lo a partir de sua existência concreta, dentro de uma cultura.

Toda esta visão necessita de abrangência conceitual e metodológica, ultrapassando os modelos restritamente ordenados, para Morin (2011, p. 44), “Abandonamos recentemente a ideia do Universo ordenado, perfeito, e eterno pelo universo nascido da irradiação, em devenir disperso, onde atuam, de modo complementar, concorrente e antagônico, a ordem, a desordem e a organização”.

Este é um processo de superação do pensamento reducionista, que não considera a

multiplicidade e diversidade, por supervalorizar a simplificação e conduzir a uma “falsa” racionalidade, pois está pautada na racionalização mecânica, que é fechada e conduz a muitos erros e ilusões, desconsiderando a desordem que integra a complexidade do pensamento. Neste contexto,

Um pensamento de organização que não inclua a relação auto-eco-organizadora, isto é, a relação profunda e íntima com o meio ambiente, que não inclua a relação hologramática entre as partes e o todo, que não inclua o princípio de recursividade, está condenado à mediocridade, à trivialidade, isto é, ao erro [...] (MORIN, 2005, p. 193).

A ordem no pensamento complexo vai além da regularidade e objetividade e reúne a recursividade, a imprevisibilidade da desordem, a qual permite as contradições dos fenômenos, a constante interação entre objetividade e subjetividade, entre o sentimento de finitude e infinitude do ser no mundo. A educação necessita favorecer o pensamento crítico na dinâmica de passagem da ordem em um processo de auto-eco-organização, transcendendo a individualidade e conectando ao ambiente, consolidando que tudo está interligado. O conhecimento, está em constante evolução, perpassa por transformações na dinâmica da reorganização, na atividade complexa do pensamento, da emoção-razão, e a espiritualidade natural integra este movimento evolutivo do pensamento complexo nos processos de educar-se.

O ser humano no processo existencial e educativo

O ser humano da sociedade contemporânea sente-se, muitas vezes, esvaziado de um sentido maior para vir a ser no mundo. Este modelo de sociedade é caracterizado por influências mediadas por conflitos mundiais e locais que empregam superficialidade, ritmos frenéticos e diversas violências nas relações. São padrões produtivos mobilizados por sistemas mercadológicos, políticos e educacionais alienantes e esvaziadores do sentido de ser no mundo. Tais condições e exigências levam a uma fragilização do ser humano, das condições, habilidades e competências gerais e precisam ser problematizados nas práticas pedagógicas educativas.

Essa forma de viver implica no fenômeno da espiritualidade natural, que é entendida como algo que caracteriza o ser humano como um “humano consciente e responsável” de seu pensar, de seu sentir e de seu agir no conviver. Esse ser humano responsável e consciente demonstra o seu propósito em relação a vida para um viver harmônico e saudável, diante da existência com desafios constantes (DITTRICH; SILVA, 2015). São desafios para repensar um novo modo de viver e fazer, e buscar a humanidade perdida no vazio existencial.

De acordo com Frankl (1991, p.115),

O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial.

Por esse motivo, o vazio existencial e a falta de sentido do ser humano, aponta para o enfraquecimento da espiritualidade natural, cujo fenômeno leva a um estado de tédio e de não aceitação de sua responsabilidade com a própria existência. São sentimentos e processos que podem desfavorecer o desejo de estudar de evoluir nos conhecimentos e habilidades mais abrangentes, além das técnicas instrumentalizadas.

Considerando as ideias de Frankl (2017b), o cenário atual, na sociedade mercadológica do consumo e da rapidez no uso da tecnologia, demonstra que esse tipo de crise só tende a aumentar com a crescente presença da automação na vida das pessoas, que nem sempre possuem mais tempo para pensar sobre o seu ser.

No contexto da cultura educacional, para Morin (2005, p. 154),

[...] nós, enquanto seres computantes e cogitantes, vivos, sociais e culturais, não podemos escapar à dupla problemática do erro e da verdade: para nós, os elementos e os acontecimentos do universo são traduzidos em informações e em mensagens; a palavra tradução é capital; a computação é também uma tradução; é aí que chegam todos os riscos de erros; quanto mais informação, mais comunicação, mais ideias e mais riscos de erros; mas também, quanto mais complexidade, mais possibilidade de transformar esses erros e de torná-los criativos.

Também podemos visualizar nas propostas escolares o quanto os saberes exigidos são fragmentados e descolados do mundo da vida, da integralidade humana e suas relações sociais, culturais, físicas, biológicas, químicas, e tantas outras. É preciso progredir, revisando a visão científica tradicional que mantêm a divisão das disciplinas, fechadas em saberes parciais e sem articulação interdisciplinar e ecológica. Para Morin (2005, p. 9) “[...] a ciência é, intrínseca, histórica, sociológica e eticamente, complexa”. E neste foco destaca que é fundamental reconhecer a complexidade do real, e com este pensamento a ciência deve considerar sua própria complexidade e também das questões que apresenta para a humanidade.

As propostas educativas precisam considerar que o ser humano está envolvido em um contexto abrangente e complexo, que a ciência está inserida em uma realidade multidimensional que precisamos problematizar no contexto da vida e da educação. É fundamental entendermos que somos também responsáveis pelo nosso próprio destino, pelas escolhas dos caminhos e dos ideais, e que isto está ligado diretamente com espiritualidade natural. Isto é, como uma maneira de ser no mundo tendo em vista o amor, o sofrimento, a liberdade, a ética e a responsabilidade como caminhos a percorrermos na dinâmica do viver em sociedade. A responsabilidade pode ser compreendida como a possibilidade do ser humano refletir, responder as indagações e fazer escolhas, porém assumindo suas concepções e ações e construindo assim a sua existência e o sentido do viver e do aprender a aprender para poder ser mais.

Frankl (1973), já mencionava sobre a importância de trabalhar terapeuticamente no cuidado na educação e na saúde, com a busca pelo sentido de vida, em uma época em que o vazio existencial e a apatia estavam tão presentes. Identificamos que, nos dias atuais, esta realidade não se modificou. “A apatia pode ser uma forma de lidar com o temor, protegendo-se a alma. Estimula a consciência do ser, da sua responsabilidade e da expressão do que é mais humano no ser. Esta busca mais profunda pode estar ancorada na espiritualidade” (FRANKL, 1973, p.21).

A espiritualidade natural está ligada à vontade de sentido de descobrir os motivos mais profundos da existência nas suas escolhas e vivências. Com efeito, é possível reconhecer dentro do existencialismo de Frankl que ainda existe o inconsciente espiritual, assim como o inconsciente instintivo e que se diferenciam nas suas funções. Para ele “o humano propriamente dito, começa quando deixa de ser impelido e cessa quando deixa de ser responsável” (FRANKL, 2017a, p. 21).

Na obra “A presença ignorada de Deus”, Frankl (2017a) compreende o inconsciente espiritual como uma dimensão de responsabilidade pelo sentido de sua existência, sendo que para ele não é o ser que questiona a vida quanto ao seu propósito, mas sim a vida questiona o ser quanto a sua decisão de como realizar seu sentido de viver. Ele aponta para a existência de três estágios pelos quais passa para elucidar os questionamentos quanto ao sentido da vida. O primeiro deles é a tomada de consciência acerca da responsabilidade do ser para com o sentido de sua vida e a potencialização dessa responsabilidade para a sua conscientização. O segundo estágio é o reconhecimento da espiritualidade inconsciente e como ela age nas profundezas humanas, para ocasionar a tomada de decisões existenciais, caracterizando assim, uma responsabilidade inconsciente do ser. O terceiro revela-se dentro de uma espiritualidade inconsciente, sendo ela inconsciente possui um sentido de relacionamento inconsciente com Deus, mas que em certo momento desperta na consciência humana a percepção de algo que emerge do íntimo do seu íntimo e clama por explicação para a descoberta do sentido de vida.

A espiritualidade natural do ser existencial centraliza-se na própria experiência de si mesmo, como ser humano, pessoa livre e responsável que transcende o próprio isolamento para se expandir, para oferecer e, sobretudo, para fortalecer a si mesmo para enfrentar os desafios dos sentimentos de vazio existencial. O ser humano, como ser espiritual, é capaz de superar-se a si mesmo como ser vivo no mundo, pois,

A determinação fundamental de um ser “espiritual”, seja qual for a sua constituição psicofísica, é o seu desprendimento existencial do orgânico, a sua liberdade, a possibilidade que ele – ou o centro da sua existência – tem de se separar do fascínio, da pressão, da dependência do orgânico, da “vida” e de tudo o que pertence à “vida” – por conseguinte, também da sua própria “inteligência” pulsional”. O ser espiritual não se encontra sujeito ao impulso e ao meio, ele se encontra “aberto ao mundo” (SCHELER, 2008, p.49).

O ser humano, durante o processo de construção de sua existência, busca constantemente a possibilidade de superação do seu ser no mundo, em um movimento para encontrar o sentido de seu viver, a razão de ser diante de suas possibilidades e limitações. Esse movimento existencial pode ser entendido como a espiritualidade natural do ser humano. A educação, em seus diferentes ambientes escolares, integra-se nesta constante busca do fortalecimento existencial humano. É preciso favorecer o encontro com o sublime, para Morin (2005, p.154) “Há coisas que estão simultaneamente abaixo, acima, fora da verdade - como o amor -, mas que têm seu valor, suas forças e seu mistério; o mundo tem seu mistério, e o amor, seu sublime”.

Tecer teias de ligação amorosa dos sujeitos e dos saberes, em suas diferentes dimensões e áreas de conhecimentos, é uma missão importante da educação a fim de favorecer o contato com a essência humana em um processo interativo de experiência de vida, em busca da inteireza.

Considerações Finais

A espiritualidade natural é condição intrínseca ao ser humano e estrutura dinâmica criativa de sua força vital, sagrada, que vem das profundezas de sua dimensão espiritual e que atravessa as dimensões psíquica e biofísica, possibilitando abertura às diversas inter-relações no mundo. Na educação, ao promover esta condição, o pensar, sentir, fazer e conviver do ser humano, em sua condição existencial, culmina na busca pelo sentido do viver, na vivência de sua espiritualidade natural diante de si, do outro, da natureza e da transcendência. Este processo dá ao ser humano o poder de ser no mundo, superando seus limites e abrindo novas possibilidades para um viver que supera os vazios existenciais, as fobias, os medos, os sentimentos de abandono e a ansiedade que muitas vezes paralisa.

As maneiras de viver e desenvolver os processos educativos implicam no fenômeno da espiritualidade natural, a qual caracteriza o ser humano como consciente e responsável de seu pensar, de seu sentir e de seu agir nas convivências que estabelece. A educação, em suas práticas, pode favorecer o ser humano a tornar-se responsável e consciente do seu propósito de vida e para o enfrentamento dos desafios, em prol do fortalecimento existencial.

Na ação educativa percebemos que a espiritualidade natural implica vontade de busca de sentido de vida no caminho do amor, do enfrentamento do sofrimento, do exercício da liberdade ou da responsabilidade do ser humano. Também influência em todas as etapas e condições da vida, na maneira como o ser humano encara, se adapta e enfrenta determinadas situações, no combate ao vazio existencial.

Entre os currículos educativos entendemos o quanto é fundamental integrar conhecimentos que contemplam a espiritualidade natural no cotidiano da construção dos saberes conceituais e atitudinais, envolvendo valores vitais e buscando favorecer o fazer e viver. A importância educativa está relacionada com a amplitude da visão de ser humano complexo e a

profundeza espiritual está no centro da estruturação e organização da dinâmica da formação humana. A educação tem envolvimento no processo de fortalecimento e busca por sentido de vida, pois a auto-eco-organização dos saberes vai além dos conhecimentos objetivos e incluem o ser humano com expressividade e força criativa.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Segunda versão, Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9. março. 2021.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 10. março. 2021.

BREITBARD, Wiliam. Espiritualidade e sentido nos cuidados paliativos. **O Mundo da Saúde**, v.27, n. 1, p. 41-57, 2003.

DITTRICH, M. G. **Arte e criatividade, espiritualidade e cura**: a teoria do corpo-criaste. Blume-nau: Nova Letra, 2010.

DITTRICH, M. G. **Arteterapia**. Espiritualidade natural, métodos e experiências. Itajaí: Editora da Univali, 2018.

DITTRICH, M. G.; BERNARDO, N. L. M. C.; BARRETA, C. Tecnologia de abordagem transdisciplinar para o cuidado às pessoas com câncer de mama. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 44-51, 2012. Acesso em 02. jun. 2020.

DITTRICH, M. G.; SILVA, M. A. S. O. A espiritualidade natural e saúde, segundo Frankl. **Anais do Encontro Mãos de Vida**, v. 2, n. 1, 2015.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 18 ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 4 ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2017b.

_____. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

_____. **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **A psicoterapia na prática**. Tradução de Cláudia M. Caon. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **Sede de sentido**. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 1973.

KOVÁCS, M. J. Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados. **O Mundo da Saúde**, v. 31, n. 2, p. 246-255, São Paulo, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do presente**. In Os sete saberes necessários à educação do presente por uma educação Transformadora. Maria Cândida de Moraes, Maria da Conceição de Almeida (organizadoras). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarian Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

_____. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2005.

SCHELER, M. **A situação do homem no cosmos**. Rio de Janeiro: Textos & Grafia. 2008.

TEIXEIRA, E. F. B., et al. **Espiritualidade e qualidade de vida**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2004.

TILLICH, P. **Teologia sistemática**. 5ª ed. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndofer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. **Teologia sistemática**. 4ª ed. Tradução de Getúlio Bertelli. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

ZUBIRI, X. **El problema filosófico de la historia de las religiones**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

Recebido em: 05 de abril de 2021.

Aceito em: 15 de abril de 2021.